Exercícios com Gabarito de Português
Tipos de Discurso

1) (Faap-1996) Dario vinha apressado, o guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Foi escorregando por ela, de costas, sentou-se na calçada, ainda úmida da chuva, e descansou no chão o cachimbo. Dois ou três passantes rodearam-no, indagando se não estava se sentindo bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, mas não se ouviu resposta. Um senhor gordo, de branco, sugeriu que ele devia sofrer de ataque.
Estendeu-se mais um pouco, deitado agora na calçada, o cachimbo a seu lado tinha apagado. Um rapaz de bigode pediu ao grupo que se afastasse, deixando-o respirar. E abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou pela garganta e um fio de espuma saiu do canto da boca.
Cada pessoa que chegava se punha na ponta dos pés, embora não pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram acordadas e vieram de pijama às janelas. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao lado dele.
Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede - não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.
Dalton Trevisan

"Uma velhinha (...) gritou que Dario estava morrendo. " O discurso direto seria assim:
a) uma velhinha (...) gritou: -Dario está morrendo.
b) uma velhinha (...) gritou: -Dario estava morrendo.
c) uma velhinha (...) gritou: -Dario estara morrendo.
d) uma velhinha (...) gritou: -Dario estará morrendo.
e) uma velhinha (...) gritou: -Dario estaria morrendo.

2) (Fatec-2002)

Assinale a alternativa em que o diálogo do primeiro quadrinho tem expressão adequada em discurso indireto, dando seqüência à frase abaixo.
Indagada sobre o segredo de um casamento duradouro, a velha senhora respondeu à jovem secretária
a) isso: fosse você mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficando fora do caminho.
b) o seguinte: seja você mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e fique fora do caminho.
c) que fosse ela mesma, tivesse seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficasse fora do caminho.
d) que: seja você mesma, tenha seus próprios interesses, dê espaço ao outro e fique fora do caminho.
e) que fora ela mesma, tenha seus próprios interesses, desse espaço ao outro e ficasse fora do caminho.

3) (Fatec-1995) "Ela insistiu:
- Me dá esse papel aí."

Na transposição da fala do personagem para o discurso indireto, a alternativa correta é:
a) Ela insistiu que desse aquele papel aí.
b) Ela insistiu em que me desse aquele papel ali.
c) Ela insistiu em que me desse aquele papel aí.
d) Ela insistiu por que lhe desse este papel aí.
e) Ela insistiu em que lhe desse aquele papel ali.

4) (FATEC-2006) Texto I

Os bem vizinhos de Naziazeno Barbosa assistem ao "pega" com o leiteiro. Por detrás das cercas, mudos, com a mulher e um que outro filho espantado já de pé àquela hora, ouvem. Todos aqueles quintais conhecidos têm o mesmo silêncio. Noutras ocasiões, quando era apenas a "briga" com a mulher, esta, como um último desaforo de vítima, dizialhe:
"Olha, que os vizinhos estão ouvindo". Depois, à hora da saída, eram aquelas caras curiosas à janela. com os olhos fitos nele, enquanto ele cumprimentava.
O leiteiro diz-lhe aquelas coisas, despenca-se pela escadinha que vai do portão até à rua, toma as rédeas do burro e sai a galope, fustigando o animal, furioso, sem olhar para nada. Naziazeno ainda fica um instante ali sozinho. (A mulher havia entrado.) Um ou outro olhar de criança fuzila através das frestas das cercas. As sombras têm uma frescura que cheira a ervas úmidas. A luz é doirada e anda ainda por longe, na copa das árvores, no meio da estrada avermelhada.
Naziazeno encaminha-se então para dentro de casa. Vai até ao quarto. A mulher ouve-lhe os passos, o barulho de abrir e fechar um que outro móvel. Por fim, ele aparece no pequeno comedouro, o chapéu na mão. Senta-se à mesa, esperando. Ela lhe traz o alimento.
– Ele não aceita mais desculpas...
Naziazeno não fala. A mulher havia-se sentado defronte dele, enquanto ele toma o café.
– Vai nos deixar ainda sem leite...
Ele engole o café, nervoso, com os dedos ossudos e cabeçudos quebrando o pão em pedaços miudinhos, sem olhar a mulher.
– É o que tu pensas. Temores... Cortar um fornecimento não é coisa fácil.
– Porque tu não viste então o jeito dele quando te declarou: "Lhe dou mais um dia!"
(Dyonélio Machado, *Os ratos*.)

Leia o trecho:
A mulher havia-se sentado defronte dele, enquanto ele toma o café.
– Vai nos deixar ainda sem leite...
Assinale a alternativa que substitui o discurso direto pelo discurso indireto, sem que ocorram infrações da norma culta.
a) A mulher lhe disse que o leiteiro ainda iria deixá-los sem leite.
b) A mulher o disse que o leiteiro ainda lhes irá deixar sem leite.
c) A mulher diz-lhe que o leiteiro ainda deixaria eles sem leite.
d) A mulher nos disse que o leiteiro lhes deixaria sem leite.
e) A mulher disse-lhe que o leiteiro ainda nos deixará sem leite.

5) (FGV-2002) Um cachorro de maus bofes acusou uma pobre ovelhinha de lhe haver furtado um osso.
- Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?
- Não quero saber de nada. Você furtou o osso e vou levá-la aos tribunais.
E assim fez.
Queixou-se ao gavião-de-penacho e pediu-lhe justiça. O gavião reuniu o tribunal para julgar a causa, sorteando para isso doze urubus de papo vazio.
Comparece a ovelha. Fala. Defende-se de forma cabal, com razões muito irmãs das do cordeirinho que o lobo em tempos comeu.
Mas o júri, composto de carnívoros gulosos, não quis saber de nada e deu a sentença:
- Ou entrega o osso já e já, ou condenamos você à morte!
A ré tremeu: não havia escapatória!... Osso não tinha e não podia, portanto, restituir; mas tinha vida e ia entregá-la em pagamento do que não furtara.
Assim aconteceu. O cachorro sangrou-a, espostejou-a, reservou para si um quarto e dividiu o restante com os juízes famintos, a título de custas...
(Monteiro Lobato. Fábulas e Histórias Diversas)

Observe o período "Para que furtaria eu esse osso - ela - se sou herbívora e um osso para mim vale tanto quanto um pedaço de pau?". A respeito dele, pede-se:
a) O segmento *para mim* está próximo da palavra *osso*. Pelo sentido, porém, percebe-se que sua relação imediata não se faz com essa palavra, mas com outra. Diga com qual palavra ela se relaciona e explique.
b) Explique a função da palavra *ela*.

6) (FGV-2001) Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.
Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construíra

especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.
Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.
Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade - o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.
(João Alphonsus - Galinha Cega. Em MORICONI, Italo, Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século. São Paulo: Objetiva, 2000.)

Na última linha do texto, há uma frase importante: *O ingrato*. Quem diz essas palavras? A quem elas se referem? Explique.

7) (FGV-1996) (Transformação de discursos):
Reestruture o texto a seguir, dando-lhe a forma de discurso indireto.
Deixando sobre a mesa os papéis necessários, o funcionário perguntou, nervoso, ao chefe:
- O senhor assinará agora ou depois?
- Já, imediatamente! bradou o outro.

8) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que ocorra discurso indireto.

a) Perguntou o que fazer com tanto livro velho.
b) Já era tarde. O ruído dos grilos não era suficiente para abafar os passos de Delfino. Estaria ele armado? Certamente estaria. Era necessário ter cautela.
c) Quem seria capaz de cometer uma imprudência daquelas?
d) A tinta da roupa tinha já desbotado quando o produtor decidiu colocá-la na secadora.
e) Era então dia primeiro? Não podia crer nisso.

9) (FGV-2005) Na linha 30, quem diz que o quarto de Vasco fica no sótão? Explique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.

35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

10) (FGV-2005) No final do texto, parece ocorrer um diálogo. Qual é ou quais são as personagens desse diálogo? Explique.

1. HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
2. Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
3. Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
4. volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
5. Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
6. cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
7. descalços entra na Panificadora.
8. Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
9. sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
10. Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
11. esperando. Mas esperando quê?
12. Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
13. zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
14. fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
15. doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
16. lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
17. costume.
18. Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
19. Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quartinho do sótão.
20. Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
21. degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
22. Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
23. Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
24. princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
25. se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
26. bolinhos e pão.
27. Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
28. Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
29. Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. "A
30. chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão." O quarto de Vasco fica no sótão...
31. Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
32. E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
33. descobrisse o grande mistério?
34. Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
35. Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
36. medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
37. alguém me vê, pergunta: "Aonde vais, Clarissa?" Ora, vou até o quartinho das malas.
38. Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

11) (FGV-2005) O primeiro passo para aprender a pensar, curiosamente, é aprender a observar. Só que isso, infelizmente, não é ensinado. Hoje nossos alunos são proibidos de observar o mundo, trancafiados que ficam numa sala de aula, estrategicamente colocada bem longe do dia-a-dia e da realidade. Nossas escolas nos obrigam a estudar mais os livros de antigamente do que a realidade que nos cerca. Observar, para muitos professores, significa ler o que os grandes intelectuais do passado observaram - gente como Rousseau, Platão ou Keynes. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevi", se estivessem vivos. Na época não existia internet nem computadores, o mundo era totalmente diferente. Eles ficariam chocados se soubessem que nossos alunos são impedidos de observar o mundo que os cerca e obrigados a ler teoria escrita 200 ou 2000 anos atrás - o que leva os jovens de hoje a se sentir alienados, confusos e sem respostas coerentes para explicar a realidade.
Não que eu seja contra livros, muito pelo contrário. Sou a favor de observar primeiro, ler depois. Os livros, se forem bons, confirmarão o que você já suspeitava. Ou porão tudo em ordem, de forma esclarecedora. Existem livros antigos maravilhosos, com fatos que não podem ser esquecidos, mas precisam ser dosados com o aprendizado da observação.

Ensinar a observar deveria ser a tarefa número 1 da educação. Quase metade das grandes descobertas científicas surgiu não da lógica, do raciocínio ou do uso de teoria, mas da simples observação, auxiliada talvez por novos instrumentos, como o telescópio, o microscópio, o tomógrafo, ou pelo uso de novos algoritmos matemáticos. Se você tem dificuldade de raciocínio, talvez seja porque não aprendeu a observar direito, e seu problema nada tem a ver com sua cabeça.
Ensinar a observar não é fácil. Primeiro você precisa eliminar os preconceitos, ou pré-conceitos, que são a carga de atitudes e visões incorretas que alguns nos ensinam e nos impedem de enxergar o verdadeiro mundo. Há tanta coisa que é escrita hoje simplesmente para defender os interesses do autor ou grupo que dissemina essa idéia, o que é assustador. Se você quer ter uma visão independente, aprenda correndo a observar você mesmo. Quantas vezes não participamos de uma reunião e alguém diz "vamos parar de discutir", no sentido de pensar e tentar "ver" o problema de outro ângulo? Quantas vezes a gente simplesmente não "enxerga" a questão? Se você realmente quiser ter idéias novas, ser criativo, ser inovador e ter uma opinião independente, aprimore primeiro os seus sentidos. Você estará no caminho certo para começar a pensar.
(Stephen Kanitz, Observar e pensar. Veja, 04.08.2004. Adaptado)

Assinale a alternativa em que os trechos abaixo, reescritos, preservam as relações de sentido expressas no original e apresentam transposição para o discurso indireto de acordo com a norma culta. Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer "esqueçam tudo o que escrevemos", se estivessem vivos. ...alguém diz "vamos parar de discutir".
a) Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer que esquecêssemos tudo o que escreveram, se estivessem vivos / ...alguém sugere que paremos de discutir.
b) Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer que: esqueçam tudo o que escreveram, se estivessem vivos / ...alguém diz que vamos parar de discutir.
c) Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer que esqueçamos tudo o que escreveram, se estivessem vivos / ...alguém pede que paramos de discutir.
d) Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer que se esqueça tudo o que se escreveu, se estivessem vivos / ...alguém sugestiona que vamos parar de discutir.
e) Só que esses grandes pensadores seriam os primeiros a dizer: esqueça-se tudo o que foi escrito, se estivessem vivos / ...alguém indica que paramos de discutir.

12) (Fuvest-2001) Observe este anúncio, com foto que retrata um depósito de lixo.

(Adaptado de campanha publicitária - Instituto Ethos)

a) Passe para o discurso indireto a frase **"Filho, um dia isso tudo será seu"**.
b) Considere a seguinte afirmação:
Da associação entre a frase "Filho, um dia isso tudo será seu" e a imagem fotográfica decorre um sentido irônico.
A afirmação aplica-se ao anúncio? Justifique resumidamente sua resposta.

13) (Fuvest-2002) Diálogo ultra-rápido
- Eu queria propor-lhe uma troca de idéias ...
- Deus me livre!
(Mário Quintana)

No diálogo acima, a personagem que responde:- Deus me livre! cria um efeito de humor com o sentido implícito de sua frase fulminante.
a) Continue a frase -Deus me livre!, de modo que a personagem explicite o que estava implícito nessa frase.
b) Transforme o diálogo anterior em um único período, utilizando apenas o discurso indireto e conservando o sentido do texto.

14) (Fuvest-2000) Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.
(Graciliano Ramos, Vidas secas)

Uma das características do estilo de Vidas secas é o uso do discurso indireto livre, que ocorre no trecho
a) "sinha Vitória falou assim".
b) "Fabiano resmungou".
c) "franziu a testa".
d) "que lembrança".
e) "olhou a mulher".

15) (Fuvest-2003) História estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproxima-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem
tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.
O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando,
aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!
(Luis Fernando Verissimo, Comédias para se ler na escola)

O discurso indireto livre é empregado na seguinte passagem:
a) Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.
b) Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena.
c) Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade.
d) O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente.
e) O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta.

16) (Fuvest-2003) Conta-me Claúdio Mello e Souza.
Estando em um café de Lisboa a conversar com dois amigos brasileiros, foram eles interrompidos pelo garçom, que perguntou, intrigado:
- Que raio de língua é essa que estão aí a falar, que eu percebo(*) tudo?
(*) percebo = compreendo
(Rubem Braga)

a) A graça da fala do garçom reside num paradoxo. Destaque dessa fala as expressões que constituem esse paradoxo. Justifique.
b) Transponha a fala do garçom para o discurso indireto. Comece com: O garçom lhes perguntou, intrigado, que raio de língua... .

17) (FUVEST-2007) O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.
Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro - e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.
Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".

"'Muito!', disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro."
Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a "gostara" seria
a) gostasse.
b) gostava.
c) gostou.
d) gostará.
e) gostaria.

18) (FUVEST-2007) Leia o último capítulo de **Dom Casmurro** e responda às questões a ele relacionadas.
CAPÍTULO CXLVIII / E BEM, E O RESTO?
Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: "Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti". Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.
E bem, qualquer que seja a solução, uma cousa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! Vamos à "História dos Subúrbios".
Machado de Assis, **Dom Casmurro**.
Costuma-se reconhecer que o discurso do narrador de **Dom Casmurro** apresenta características que remetem às duas formações escolares pelas quais ele passou: a de seminarista e a de bacharel em Direito. No texto,
a) você identifica algum aspecto que se possa atribuir ao ex-seminarista? Explique sucintamente.
b) o modo pelo qual o narrador conduz a argumentação revela o bacharel em Direito? Explique resumidamente.

19) (FVG - SP-2007) Os meninos deitaram-se e pegaram no sono. Sinhá Vitória pediu o binga ao companheiro e acendeu o cachimbo. Fabiano preparou um cigarro. Por enquanto estavam sossegados. O bebedouro indeciso tornara-se realidade. Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se. Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fábrica. Ia morrer na certa, um animal tão bom. Se tivesse vindo com eles, transportaria a bagagem. Algum tempo comeria folhas secas, mas além dos montes encontraria alimento verde. Infelizmente pertencia ao fazendeiro – e definhava, sem ter quem lhe desse a ração. Ia morrer o amigo, lazarento e com esparavões, num canto de cerca, vendo os urubus chegarem banzeiros, saltando, os bicos ameaçando-lhe os olhos. A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano. Se elas tivessem paciência, comeriam tranqüilamente a carniça. Não tinham paciência, aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.
– Pestes.

O discurso indireto livre está presente nesse fragmento de texto. Um exemplo dele está na alternativa:
a) Os meninos deitaram-se e pegaram no sono.
b) Voltaram a cochichar projetos, as fumaças do cigarro e do cachimbo misturaram-se.
c) A lembrança das aves medonhas, que ameaçavam com os bicos pontudos os olhos de criaturas vivas, horrorizou Fabiano.
d) Fabiano insistiu nos seus conhecimentos topográficos, falou no cavalo de fabrica.
e) Não tinham paciência, aquelas pestes vorazes que voavam lá em cima, fazendo curvas.

20) (FVG - SP-2007)
Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica.
A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.
Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra".
Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.
(Rubem Alves. *A complicada arte de ver. Folha de S.Paulo*, 26.10.2004)
* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês.
Autor dos livros de poemas *Song of Innocence e Gates of Paradise*.

No último parágrafo do texto há um exemplo de discurso
a) indireto livre.
b) indireto.
c) de autoridade.
d) direto.
e) de injunção.

21) (Mack-2002) Na semana passada, ouvi uma senhora suspirar: - “Tudo anda tão confuso!”. E, de fato, o homem moderno é um pobre ser dilacerado de perplexidades. Nunca se duvidou tanto. Outro dia, um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita. Respondi-lhe: - “Às vezes”.
Já escrevi umas cinqüenta vezes que a grã-fina é a falsa bonita. Seu penteado, seus cílios, seus vestidos, seu decote, sua maquiagem, suas jóias - tudo isso não passa de uma minuciosa montagem. E se olharmos bem, veremos que sua beleza é uma fraude admirável. Todos se iludem, menos a própria. No terreno baldio, e sem testemunhas, ela há de reconhecer que apenas realiza uma imitação de beleza.
Portanto, a pergunta do diplomata português tem seu cabimento. E minha resposta também foi justa. Às vezes, a mulher bonita não é bonita, como a grã-fina. Mesmo as que são bem-dotadas fisicamente têm suas dúvidas.
Crônica de Nelson Rodrigues

Reescrevendo-se o trecho *um diplomata português perguntou se a mulher bonita era realmente bonita* em discurso direto, tem-se, corretamente:
a) Um diplomata português perguntou: - Se a mulher bonita era realmente bonita?

b) Um diplomata português perguntou: - Quando a mulher bonita é realmente bonita?
c) Um diplomata português perguntou se: - A mulher bonita era realmente bonita?
d) Um diplomata português perguntou: - E se a mulher bonita for realmente bonita?
e) Um diplomata português perguntou: - A mulher bonita é realmente bonita?

22) (Mack-2005) A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. (...)
Cerca de três semanas depois recebi um convite dele *[Lobo Neves, marido de Virgília]* para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.
Machado de Assis
Obs.: o amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua **Divina Comédia**. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adulterino de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur - uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo.
Iniciando a frase acima com "Virgília recebeu-me", e transpondo o discurso direto para o discurso indireto, a forma correta para completar o fragmento, sem alteração do sentido original, é:
a) acrescentando, graciosa, que eu, naquele dia, haveria de valsar com ela.
b) ao exclamar graciosamente que - O senhor hoje há de valsar comigo!
c) dizendo com graça que eu, naquele dia, havia de valsar com ela.
d) sugerindo, graciosa, que a personagem devia valsar com ela naquela hora.
e) declarando, com graça, que "o senhor tinha de valsar comigo" naquele dia.

23) (Mack-2005) 1. Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa; tinha
2. cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre
3. como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das
4. carícias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua
5. casa um encanto sério. (...)
6. Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele
7. próprio melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre ... E
8. recordando aquela existência fácil e doce, soprava o fumo do charuto,
9. a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como
10. no seu jaquetão de flanela!

***Eça de Queirós*, O primo Basílio**

No texto encontra-se
a) um narrador de 3ª- pessoa que, do ponto de vista da figura feminina, narra as aventuras de um casal apaixonado.
b) um narrador-personagem, identificado como o marido de Luísa, que enaltece os prazeres do amor.
c) um narrador-personagem que descreve a mulher como uma dona de casa cuidadosa e inteligente, atributos incomuns na época.
d) um narrador de 1ª- pessoa que se utiliza do discurso direto para dar voz ao marido de Luísa.
e) um narrador onisciente que, por meio do discurso indireto livre, desvenda os pensamentos do marido de Luísa.

24) (PUC-SP-1995) Leia o período:
"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu."
Considerando a possibilidade de várias organizações sintáticas para os períodos compostos, assinale a alternativa em que **não** há alteração de sentido em relação ao período indicado:
a) Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que lá eu encontraria o mundo.
b) À porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu teria de encontrar o mundo.
c) Disse-me meu pai, à porta do Ateneu, que somente lá eu encontraria o mundo.
d) Quando chegamos à porta do Ateneu, meu pai disse-me que lá eu precisaria encontrar o mundo.
e) Ao chegarmos à porta do Ateneu, meu pai orientou-me para que lá eu encontrasse o mundo.

25) (UEPB-2006) Com base nos textos da questão anterior, seria apropriado, portanto, afirmar:
a) Expressões como JÁ ERA, A SUA, MIS e TAVA são inadmissíveis em textos de divulgação.
b) Os meios de comunicação estão cada vez mais desprezando a linguagem correta, usando gírias e outros vícios de linguagem.

c) O uso de gírias pela mídia contribui para as deformações constantes que se observam na língua portuguesa.
d) Os usos da língua estão estreitamente ligados a sua função social.
e) Expressões como JÁ ERA, A SUA, MIS e TAVA provam o analfabetismo de nossa população.

26) (UFPA-1998) Em entrevista concedida à Revista Veja, a deputada Marta Suplicy declarou: "Nas reuniões do PT, eu não entendo metade das coisas que eles falam. Até hoje não sei nome das facções dos partidos, mas acho que simpatizo mais com a Articulação".
(Revista Veja, n° 37, 26.11.97, com adaptações)

Reescreva o texto, transformando o discurso direto em indireto.

27) (UFPB-2006) TEXTO

Herbarium

Todas as manhãs eu pegava o cesto e me embrenhava no bosque, tremendo inteira de paixão quando descobria alguma folha rara. Era medrosa mas arriscava pés e mãos por entre espinhos, formigueiros e buracos de bichos (tatu? cobra?) procurando a folha mais difícil, aquela que ele examinaria demoradamente: a escolhida ia para o álbum de capa preta. Mais tarde, faria parte do herbário, tinha em casa um herbário com quase duas mil espécies de plantas. “Você já viu um herbário?” - ele quis saber. *Herbarium*, ensinou-me logo no primeiro dia em que chegou ao sítio. Fiquei repetindo a palavra, *herbarium*. *Herbarium*. (...)
Um vago primo botânico convalescendo de uma vaga doença. (...) Qual doença tinha ele? Tia Marita, que era alegrinha e gostava de se pintar, respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres. Tia Clotilde, embutida, reticente, deu aquela sua resposta que servia a qualquer tipo de pergunta: tudo na vida podia se alterar menos o destino traçado na mão, ela sabia ler as mãos. “Vai dormir feito uma pedra.” - cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília. Encontrei-o recostado na poltrona, a manta de xadrez cobrindo-lhe as pernas. Aspirou o chá. E me olhou: “Quer ser minha assistente?” - perguntou soprando a fumaça. “A insônia me pegou pelo pé, ando tão fora de forma, preciso que me ajude. A tarefa é colher folhas para a minha coleção, vai juntando o que bem entender que depois seleciono. Por enquanto, não posso mexer muito, terá que ir sozinha” - disse e desviou o olhar úmido para a folha que boiava na xícara. (...)
Eu mentia sempre, com ou sem motivo. (...) Mas aos poucos, diante dele, minha mentira começou a ser dirigida, com um objetivo certo. Seria mais simples, por exemplo, dizer que colhi a bétula perto do córrego, onde estava o espinheiro. Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim, ocupá-lo antes de ser posta de lado como as folhas sem interesse, amontoadas no cesto. Então ramificava perigos, exagerava dificuldades, inventava histórias que encompridavam a mentira. Até ser decepada com um rápido golpe de olhar, não com palavras, mas com o olhar ele fazia a hidra verde rolar emudecida enquanto minha cara se tingia de vermelho - o sangue da hidra. (...)
Nas cartas do baralho, tia Clotilde já lhe desvendara o passado e o presente. (...) O que ela previu? Ora, tanta coisa. De mais importante, só isso, que no fim da semana viria uma amiga buscá-lo, uma moça muito bonita, podia ver até a cor do seu vestido de corte antiquado, verde-musgo. Os cabelos eram compridos, com reflexos de cobre, tão forte o reflexo na palma da mão! (...) Fugi para o campo, os olhos desvairados de pimenta e sal, sal na boca, não, não vinha ninguém, tudo loucura, uma louca varrida essa tia, invenção dela, invenção pura, como podia? (...)
Lavei os olhos cegos de dor, lavei a boca pesada de lágrimas, os últimos fiapos de unhas me queimando a língua, não! Não. Não existia ninguém de cabelo de cobre que no fim de semana ia aparecer para buscá-lo, ele não ia embora nunca mais, NUNCA MAIS! (...)
Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração (um coração de nervuras trementes se abrindo em leque até as bordas verde-azuladas) ele beijou a folha e levou-a ao peito. Espetou-a na malha do suéter: “Esta vai ser guardada aqui.” Mas não me olhou nem mesmo quando eu saí tropeçando no cesto. Corri até a figueira, posto de observação onde podia ver sem ser vista. Através do rendilhado de ferro do corrimão da escada, ele me pareceu menos pálido. A pele mais seca e mais firme a mão que segurava a lupa sobre a lâmina do espinho-do-brejo. Estava se recuperando, não estava? Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.
No sábado, levantei mais cedo. O sol forcejava a névoa, o dia seria azul quando ele conseguisse rompê-la. (...) Corri até o córrego. (...) Salvei uma abelhinha das mandíbulas de uma aranha, permiti que a saúva-gigante arrebatasse a aranha e a levasse na cabeça como uma trouxa de roupa esperneando mas recuei quando apareceu o besouro de lábio leporino. Por um instante me vi refletida em seus olhos facetados. Fez meia-volta e se escondeu no fundo da fresta. Levantei a pedra: o besouro tinha desaparecido mas no tufo raso vi uma folha que nunca encontrara antes, única. Solitária. Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice, o verde do dorso com pintas vermelhas irregulares como pingos de sangue. Uma pequena foice ensangüentada - foi no que se transformou o besouro? Escondi a folha no bolso, peça principal de um jogo confuso. Essa eu não juntaria às outras folhas, essa tinha que ficar comigo, segredo que não podia ser visto. Nem tocado. Tia Clotilde previa os destinos mas eu podia modificá-los, assim, assim! e desfiz na sola do sapato o cupim que se armava debaixo da amendoeira. Fui andando

solene porque no bolso onde levara o amor levava agora a morte.
Tia Marita veio ao meu encontro, mais aflita e gaguejante do que de costume. Antes de falar já começou a rir: "Acho que vamos perder nosso botânico, sabe quem chegou? A amiga, a mesma moça que Clotilde viu na mão dele, lembra? Os dois vão embora no trem da tarde, ela é linda como os amores, bem que Clotilde viu uma moça igualzinha, estou toda arrepiada, olha aí, me pergunto como a mana adivinha uma coisa dessas!" (...)
Fui me aproximando da janela. Através do vidro (poderoso como a lupa) vi os dois. Ela sentada com o álbum provisório de folhas no colo. Ele, de pé e um pouco atrás da cadeira, acariciando-lhe o pescoço e seu olhar era o mesmo que tinha para as folhas escolhidas, a mesma leveza de dedos indo e vindo no veludo da malva-maçã.
(...) Quando me viu, veio até a varanda no seu andar calmo. Mas vacilou quando disse que esse era nosso último cesto, por acaso não tinham me avisado? O chamado era urgente, teriam que voltar nessa tarde. Sentia perder tão devotada ajudadora mas um dia, quem sabe?... Precisaria perguntar à tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros.
Estendi-lhe o cesto mas ao invés de segurar o cesto, segurou meu pulso: eu estava escondendo alguma coisa, não estava? O que estava escondendo, o quê? Tentei me livrar fugindo para os lados, aos arrancos, não estou escondendo nada, me larga! Ele me soltou mas continuou ali, de pé, sem tirar os olhos de mim. Encolhi quando me tocou no braço: "e o nosso trato de só dizer a verdade? Hem? Esqueceu nosso trato?" - perguntou baixinho.
Enfiei a mão no bolso e apertei a folha, intacta à umidade pegajosa da ponta aguda, onde se concentravam as nódoas. Ele esperava. Eu quis então arrancar a toalha de crochê da mesinha, cobrir com ela a cabeça e fazer micagens, hi hi! hu hu! Até vê-lo rir pelos buracos da malha, quis pular da escada e sair correndo em ziguezague até o córrego, me vi atirando a foice na água, que sumisse na correnteza! Fui levantando a cabeça. Ele continuava esperando, e então? No fundo da sala, a moça também esperava numa névoa de ouro, tinha rompido o sol. Encarei-o pela última vez, sem remorso, quer mesmo? Entreguei-lhe a folha.

(TELLES, Lygia Fagundes. Oito contos de amor. São Paulo: Ática, 2003, p. 42-49).

No conto Herbarium, a autora faz uso dos discursos direto, indireto e indireto livre. Em relação a esses tipos de discurso, identifique a(s) proposição(ões) verdadeira(s):

01. Ocorre discurso direto em "Você já viu um herbário? - ele quis saber." (linha 5), uma vez que a narradora reproduz exatamente a fala do personagem.
02. Ocorre discurso indireto em "Tia Marita (...) respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres." (linhas 8-9) , porque a narradora, com suas palavras, reproduz a fala da personagem Tia Marita.
04. Há apenas discurso indireto em "'Vai dormir feito uma pedra.' - cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília." (linhas 11 e 12), uma vez que a narradora se limita a reproduzir, com suas palavras, a fala da personagem Tia Marita.
08. Ocorre discurso direto em "E me olhou: Quer ser minha assistente? - perguntou soprando a fumaça." (linhas 13-14), porque a narradora deixa falar o personagem, reproduzindo exatamente suas palavras.
16. Há discurso indireto livre em "Ele continuava esperando, e então?" (linhas 69-70), pois os limites entre a fala da narradora e a fala do personagem não são muito evidentes.

A soma dos valores atribuídos à(s) proposição(ões) verdadeira(s) é igual a ☐

28) (UFSC-2006) Dentre as proposições abaixo, algumas ferem a norma padrão. Assinale aquelas que **não apresentam desvio** gramatical.

01. Se todos houvessem seguido as normas, não haveria tantas reclamações.
02. O desrespeito à natureza é tanto que, naquele lugar, já não existem animais daquela espécie.
04. Havia apenas uma saída para o problema, mas outras poderiam haver caso analisássemos o problema com mais calma.
08. O desafio que me refiro implica em fazer escolhas.
16. Restabelecer-se-iam, de imediato, as ligações, se houvessem técnicos de plantão.
32. Hão de trazer o que me prometeram! Ora, se hão!

29) (UFSCar-2004) Para responder a proxima questão leia os dois sonetos de Olavo Bilac, que fazem parte de um conjunto de poemas chamado Via Láctea.

XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.
E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria, Dos
despertados pássaros o bando: "Vai
mais depressa! Parabéns!" dizia.

Disse o luar: "Espera! Que eu te sigo:
Quero também beijar as faces dela!"
E disse o aroma: "Vai que eu vou contigo!"

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
"Como és feliz! como és feliz, amigo,

Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!"

XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Na segunda estrofe do primeiro poema, há um trecho escrito em ordem inversa e discurso direto.
a) Reescreva esse trecho na ordem direta.
b) Reescreva outra vez esse trecho, agora já posto na ordem direta, em discurso indireto.

30) (UNICAMP-2006) Na capa do caderno Aliás do jornal O Estado de S. Paulo de 10 de julho de 2005, encontramos o seguinte conjunto de afirmações que também fazem referência à crise política do Governo Lula:
Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento. Juscelino sabia que seria absolvido pela História. Jânio sabia que sua renúncia embutia um projeto autoritário. Jango sabia o tamanho da conspiração ao seu redor. Médici ia ao futebol, mas sabia de tudo. Geisel sabia que Golbery entendera o projeto de abertura. (...)
a) Em todas as afirmações, há um padrão que se repete. Qual é esse padrão e como ele estabelece a relação com a crise política do atual governo?
b) Apresente, por meio de paráfrases, duas interpretações para a palavra 'tanto' na frase "Getúlio tanto sabia que preparou a carta-testamento".

31) (UNICAMP-2006) A novela de Guimarães Rosa "Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)", além de ser ela própria uma estória de vaqueiro, contém outras estórias de boi narradas pelas personagens. Uma delas é a de "Destemida e a vaquinha Cumbuquinha" narrada por Joana Xaviel. Ao ouvirem a história, as pessoas presentes na festa de Manuelzão têm a seguinte reação:
Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte - faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas - uma segunda parte, o final - tinha de ter!
(João Guimarães Rosa, "Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)", em Manuelzão e Miguilim.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 181.)

a) Por que os ouvintes têm a impressão de que a estória está inacabada?
b) Cite outra estória de boi narrada dentro novela.
c) A novela é narrada em discurso indireto livre, misturando as falas e pensamentos das personagens com a fala do narrador. Identifique uma passagem do trecho citado anteriormente em que essa mistura ocorre.

32) (UNIFESP-2004) TEXTO 1
... a serpente mostrava ser a mais cautelosa de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou dizer à mulher: "É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?" A isso a mulher disse à serpente: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas quanto a comer do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.' " A isso a serpente disse à mulher: "Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau." Conseqüentemente, a mulher viu que a árvore era boa para alimento e que era algo para os olhos anelarem, sim, a árvore desejável para se contemplar. De modo que começou a tomar do seu fruto e a comê-lo. Depois deu também dele a seu esposo, quando estava com ela, e ele começou a comê-lo. Abriram-se então os olhos e
começaram a perceber que estavam nus. Por isso coseram folhas de figueira e fizeram para si coberturas para os lombos.
(Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.)

TEXTO 2
Você já ouviu a história de Adão e Eva?
Se não leu, certamente ouviu alguém contar, e deve se lembrar do que aconteceu com os dois. Com os dois e com a serpente, é claro.
Conta a Bíblia que Adão e Eva viviam muito felizes no Paraíso, onde só havia uma proibição: eles não podiam experimentar o gosto da maçã.
Adão, mais obediente, bem que não queria comer a tal da maçã. Mas Eva falou tão bem dela, fez com que parecesse tão gostosa, que o pobre coitado não resistiu.
Foi dar a primeira mordida e perder o lugar no Paraíso...
Se Eva vivesse hoje, seria uma ótima publicitária, uma profissional de propaganda. Afinal, ela soube convencer

Adão de que valia a pena pagar um preço tão alto por uma simples maçã.
Mas, se a gente pensar bem, Eva não foi a primeira publicitária.
Antes dela, houve uma outra, a serpente. Simbolizando o demônio, foi a serpente que criou, na mulher, o desejo de experimentar o fruto proibido.
E, assim, nasceu a propaganda.
(André Carvalho & Sebastião Martins. Propaganda.)

A frase "... Deus disse: 'Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais.' ", em que há as falas de Eva e de Deus no texto 1, em discurso indireto corresponde a
a) Deus disse que não se deve comer dele, nem se deve tocar nele, para que não morríamos.
b) Deus disse que não devíamos comer dele, nem tocar nele, para que não morreremos.
c) Deus disse que não devemos comer dele, nem devemos tocar nele, para não morrermos.
d) Deus disse que não deveremos comer dele, nem deveremos tocar nele, para que não morrêssemos.
e) Deus disse que não devemos comer dele, nem tocar nele, para que não morremos.

33) (UNIFESP-2007) Entrevista de Adélia Prado, em O coração disparado

Um homem do mundo me perguntou:
O que você pensa de sexo?
Uma das maravilhas da criação, eu respondi.
Ele ficou atrapalhado, porque confunde as coisas
E esperava que eu dissesse maldição,
Só porque antes lhe confiara: o destino do homem é a santidade.

Em discurso indireto, os dois primeiros versos assumem a seguinte forma:
a) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensaria de sexo?
b) Um homem do mundo me perguntou o que você pensava de sexo.
c) Um homem do mundo me perguntou o que eu penso de sexo?
d) Um homem do mundo me perguntou o que você pensa de sexo.
e) Um homem do mundo me perguntou o que eu pensava de sexo.

34) (UNIFESP-2007) O trecho do conto Uns braços, de Machado de Assis

Havia cinco semanas que ali morava, e a vida era sempre a mesma, sair de manhã com o Borges, andar por audiências e cartórios, correndo, levando papéis ao selo, ao distribuidor, aos escrivães, aos oficiais de justiça. (...) Cinco semanas de solidão, de trabalho sem gosto, longe da mãe e das irmãs; cinco semanas de silêncio, porque ele só falava uma ou outra vez na rua; em casa, nada.
"Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais."
Não foi; sentiu-se agarrado e acorrentado pelos braços de D. Severina. Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos. A educação que tivera não lhe permitira encará-los logo abertamente, parece até que a princípio afastava os olhos, vexado. Encarou-os pouco a pouco, ao ver que eles não tinham outras mangas, e assim os foi descobrindo, mirando e amando. No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso. Agüentava toda a trabalheira de fora, toda a melancolia da solidão e do silêncio, toda a grosseria do patrão, pela única paga de ver, três vezes por dia, o famoso par de braços. Naquele dia, enquanto a noite ia caindo e Inácio estirava- se na rede (não tinha ali outra cama), D. Severina, na sala da frente, recapitulava o episódio do jantar e, pela primeira vez, desconfiou alguma cousa. Rejeitou a idéia logo, uma criança! Mas há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam. Criança? Tinha quinze anos; e ela advertiu que entre o nariz e a boca do rapaz havia um princípio de rascunho de buço. Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita? Esta outra idéia não foi rejeitada, antes afagada e beijada.
E recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim.

No discurso indireto livre, há uma mistura das falas do narrador e da personagem, de tal modo que se torna difícil precisar os limites da fala de um e de outro. Esse tipo de discurso ocorre em
a) No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso.
b) Voltava à tarde, jantava e recolhia-se ao quarto, até a hora da ceia; ceava e ia dormir.
c) "Deixe estar, — pensou ele um dia — fujo daqui e não volto mais."
d) Que admira que começasse a amar? E não era ela bonita?
e) Nunca vira outros tão bonitos e tão frescos.

35) (VUNESP-2007) Os Tratados com a Bolívia
A Bolívia é uma espécie de Estado de Minas da América do Sul; não tem comunicação com o mar. Quando a Standard Oil abriu lá os poços de petróleo de Santa Cruz de la Sierra, na direção de Corumbá de Mato Grosso, a desvantagem da situação interna da Bolívia tornou-se patente. Estava com petróleo, muito petróleo, mas não tinha porto por onde

exportá-lo. Ocorreu então um fato que parece coisa de romance policial.
Os poços de petróleo da Standard trabalhavam sem cessar mas o petróleo que passava pelas portas aduaneiras bolivianas e pagava a taxa estabelecida no contrato de concessão era pouco. O boliviano desconfiou. "Aqueles poços não cessam de jorrar e o petróleo que paga taxa é tão escasso… Neste pau tem mel."
E tinha. A espionagem boliviana acabou descobrindo o truque: havia um oleoduto secreto que subterraneamente passava por baixo das fronteiras e ia emergir na Argentina. A maior parte do petróleo boliviano escapava à taxação do governo e entrava livre no país vizinho. Um negócio maravilhoso.
Ao descobrir a marosca, a Bolívia fez um barulho infernal e cassou todas as concessões de petróleo dadas à Standard Oil. Vitórias momentâneas sobre a Standard quantas a história não registra! Vitórias momentâneas. Meses depois um coronel ou general encabeça um pronunciamento político, derruba o governo e toma o poder. O primeiro ato do novo governo está claro que foi restaurar as concessões da Standard Oil cassadas pelo governo caído…
Mas como resolver o problema da saída daquele petróleo fechado? De todas as soluções estudadas a melhor consistia no seguinte: forçar o Brasil por meio dum tratado a ser o comprador do petróleo boliviano; esse petróleo iria de Santa Cruz a Corumbá por uma estrada de ferro a construir-se e de Corumbá seguiria pela Estrada de Ferro Noroeste. Isto, provisoriamente. Mais tarde se construiria um oleoduto de La Sierra a Santos, Paranaguá ou outro porto brasileiro do Atlântico. Desse modo o petróleo boliviano abasteceria as necessidades do Brasil e também seria exportado por um porto do Brasil.
Ótima a combinação, mas para que não viesse a falhar era indispensável que o Brasil não tirasse petróleo. Eis o segredo de tudo. A hostilidade oficial contra o petróleo brasileiro vem de grande número de elementos oficiais fazerem parte do grande grupo americano, boliviano e brasileiro que propugna essa solução — maravilhosa para a Bolívia, desastrosíssima para nós.
Os tratados que sobre a matéria o Brasil assinou com a Bolívia não foram comentados pelos jornais dos tempos; era assunto petróleo e a Censura não admitia nenhuma referência a petróleo nos jornais. A 25 de janeiro de 1938 foi assinado o tratado entre o Brasil e a Bolívia no qual se estabelecia o orçamento para a realização de estudos e trabalhos de petróleo no total de 1.500.000 dólares, dos quais o Brasil entrava com a metade, 750 mil dólares, hoje 15 milhões de cruzeiros. O Brasil entrava com esse dinheiro para estudos de petróleo na Bolívia, o mesmo Brasil
oficial que levou sete anos para fornecer a Oscar Cordeiro uma sondinha de 500 metros…
Um mês depois, a 25 de fevereiro de 1938, novo tratado entre os dois países, com estipulações para a construção duma estrada de ferro Corumbá a Santa Cruz de la Sierra; a benefício dessas obras em território boliviano o Brasil entrava com um milhão de libras ouro…
O representante do Brasil para a formulação e execução dos dois tratados tem sido o Sr. Fleury da Rocha.
Chega. Não quero nunca mais tocar neste assunto do petróleo. Amargurou-me doze anos de vida, levou-me à cadeia — mas isso não foi o pior. O pior foi a incoercível sensação de repugnância que desde então passei a sentir sempre que leio ou ouço a expressão Governo Brasileiro…
(José Bento Monteiro Lobato. Obras completas — volume 7. São Paulo:
Editora Brasiliense, 1951, p.225-227.)

Monteiro Lobato criou um espaço duplo entre o último parágrafo e o restante do texto, para caracterizar tal parágrafo como um adendo, como uma manifestação emocionada ante as revelações que acabava de fazer. Releia o último parágrafo e identifique as marcas gramaticais dessa manifestação pessoal do autor nas flexões de alguns verbos e no emprego de pronomes.

36) (VUNESP-2007) A velha contrabandista

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.
Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?
A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo, e respondeu:
– É areia!
Aí quem riu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e lá só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.
Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!
O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.
Diz que foi aí que o fiscal se chateou:
– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro.

Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.
– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:
– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?
– O senhor promete que não "espáia"? – quis saber a velhinha.
– Juro – respondeu o fiscal.
– É lambreta.
(Primo Altamirando e Elas.)

Ainda que o discurso direto ocupe boa parte de A velha contrabandista, o discurso indireto também pode ser encontrado, algumas vezes. Examinando com cuidado o texto, transcreva um segmento em que se utiliza, na mesma oração, o discurso indireto mesclado com o direto – o chamado discurso indireto livre. Explicite, ainda, o efeito de sentido que essa mistura provoca, nessa passagem.

ENEM DESCOMPLICADO

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: C

3) Alternativa: E

4) Alternativa: A

5) a) *Para mim*, sintaticamente, está ligado ao verbo *vale*. Quanto ao significado, refere-se à ovelha.
b) A função da palavra *ela* é deixar claro que a fala apresentada deve ser atribuída à ovelha.

6) Quem as diz é a própria galinha.
O adjetivo *ingrato* refere-se ao galo.
A galinha atribui ao galo a característica de ingrato pois, antes de ela ter-se tornado cega, o galo a perturbava com se cócó-có malicioso, e agora, que ela não mais enxerga, ele a abandonou.

7) Há várias possibilidades. Uma delas é:

Deixando sobre a mesa os papéis necessários, o funcionário perguntou, nervoso, ao chefe, se ele assinaria naquele momento ou depois. O chefe bradou que assinaria naquele momento.

8) Alternativa: A

9) Sob o ponto de vista dos marcadores gramaticais, a frase "O quarto de Vasco fica no sótão..." foi produzida pelo narrador. Mas, levando-se em conta a entonação das frases, marcada pelas reticências e, sobretudo, pelo uso da interjeição "Oh", depreende-se que é a voz da personagem que ecoa por trás do narrador, numa citação em discurso indireto livre.

10) A personagem é uma só: Clarissa. Na passagem há um diálogo em que ela interpela a si própria a respeito da conveniência de entrar no quarto de Vasco. As passagens em discurso direto revelam a hesitação de Clarissa por causa dos questionamentos e reprovações que ela poderia sofrer se fosse surpreendida ao fazê-lo.

11) Alternativa: A

12) a) O pai disse que o filho um dia seria o dono de tudo aquilo.
Obs: a forma *O pai disse ao filho que um aquilo tudo seria dele* gera ambigüidade.
b) Sim. A Ironia é uma forma de atribuir a uma expressão, através de um determinado contexto, um significado contrário ao que normalmente tem.
A expressão "Filho, um dia isso tudo será eu" carrega em si a forte conotação de uma herança positiva. Já a imagem do lixão tem conotação oposta. Ao associar a frase à imagem, transferiu-se a conotação negativa do lixão à herança, criando, portanto, ironia.

13) a) Deus me livre! Eu não quero abrir mão das minhas idéias para ficar com as suas!
b) Há mais de uma possibilidade. Duas delas:
1. Uma pessoa diz a outra que queria propor-lhe uma troca de idéias, e esta responde que Deus a livrasse daquilo.
2. Uma pessoa disse a outra que queria propor-lhe uma troca de idéias, e esta outra respondeu que Deus a livrasse daquilo.

14) Alternativa: D

15) Alternativa: A

16) a) As expressões são 'que raio de língua é essa' e 'eu percebo tudo'. A expressão 'que raio de língua é essa' dá a entender que o falante desconhece a língua, mas a expressão 'que eu percebo tudo' diz exatamente o contrário, ou seja, que o falante conhece a língua.
b) O garçom lhes perguntou intrigado que raio de língua era aquela, que estavam então/naquela hora a falar que, ele percebia tudo.

17) Alternativa: C

18) a) A citação bíblica, transcrita e indicada — livro de Sirach *(Eclesiástico)*, cap. IX, vers. 1 —, pode ser considerada índice de familiaridade com repertório religioso.
b) Um dos recursos retóricos utilizados pelo narrador no capítulo é a apóstrofe ao leitor: "Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer..." O conteúdo da apóstrofe, bem como o da narrativa como um todo, procura induzir o leitor, figurado como júri, a aceitar a interpretação proposta pelo narrador.

19) Alternativa: E

20) Alternativa: D

21) Alternativa: A

22) Alternativa: C

23) Alternativa: E

24) Alternativa: A

25) Alternativa: D

26) Em entrevista concedida à Revista Veja, a deputada Marta Suplicy declarou que nas reuniões do PT, não entendia metade das coisas que eles falavam e que até aquele dia não sabia o nome das facções dos partidos, mas achava que simpatizava mais com a Articulação.

27) Resposta: 27

28) Resposta: 35
Alternativas Corretas: 01, 02 e 32

29) a) Escutando meus passos, o bando dos pássaros despertados dizia, através da ramaria: "Vai mais depressa! Parabéns!"
b) Escutando meus passos, o bando dos pássaros despertados dizia, através da ramaria, que eu fosse mais depressa, e me dava parabéns.

30) a) O padrão que se nota em todas as afirmações enumeradas é a repetição de uma estrutura de frase em que o verbo saber (no pretérito imperfeito do indicativo) tem como sujeito um substantivo próprio correspondente ao nome de ex-presidentes do país. As afirmações, cujo teor se centra no conhecimento dos presidentes sobre o que ocorria em seus governos e sobre as conseqüências de seus atos, opõem-se às reiteradas declarações do presidente Lula de que não sabia dos esquemas de corrupção que vieram à tona em 2005. Trata-se de uma estratégia argumentativa sutil para sugerir que as negativas do atual presidente são perfeitamente passíveis de suspeita.

b) Duas possibilidades seriam:
• Getúlio tinha tanto conhecimento da gravidade da situação, que preparou a carta-testamento.
• Getúlio tinha perfeito conhecimento da gravidade da situação, prova disso é que preparou a carta-testamento.

31) a) A estória narrada por Joana Xaviel termina sem que o mal seja castigado - por essa razão os ouvintes estranham o final, tão diverso de outras estórias conhecidas.

b) A mais importante estória de boi contida na novela é a narrada pelo velho Camilo. Trata-se do "Romanço do Boi Bonito", em que o vaqueiro "Menino", cujo nome verdadeiro é Seunavino, captura um mítico touro branco. Essa narrativa enquadrada é uma alegoria da situação vivenciada por Manuelzão, protagonista da estória principal.

c) Observa-se o uso de discurso indireto livre nos seguintes fragmentos:
• "(...) estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte - faltava a segunda parte?"
• "Mentira dela? A ver que sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas - uma segunda parte, o final - tinha de ter!"

32) Alternativa: C

33) Alternativa: E

34) Alternativa: D

35) O último parágrafo do texto tem um efeito de sentido de subjetividade. As marcas gramaticais que indicam essa manifestação subjetiva são: os verbos flexionados na primeira pessoa do singular ("quero", "passei", "leio" e "ouço"), os pronomes oblíquos também de primeira pessoa ("Amargurou-**me**", "levou-**me**") e a expressão "Chega", que adquire um valor interjetivo.

36) "ela respondeu que era areia, uai!"
A interjeição "uai" rompe a fronteira do discurso indireto, introduzindo uma citação do discurso original que só caberia na forma do discurso direto ou do indireto livre. Além disso, ela quebra a expectativa formal do leitor, produzindo também um efeito de humor, pela mudança de dialeto comentada na resposta anterior.